

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**

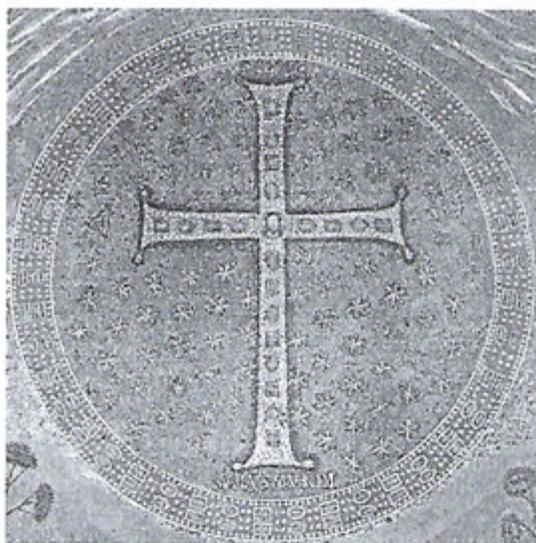


**Decisão por
Cristo e
amplitude
universal**



Lição 11

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Decisão por
Cristo e
amplitude
universal**



Lição 11

Petrópolis 2001

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC, em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFM^{Cap}, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFM^{Cap}, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann

Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Renato Kirchner

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico



Texto das fontes	4
Enviado ao mundo inteiro	
I. Introdução	5
II. Visão de conjunto	6
III. Informação	7
1. Convicções religiosas no século XIII	7
1.1. Fora da Igreja não há salvação (<i>"Extra Ecclesiam nulla salus"</i>)	7
1.2. A conversão forçada (<i>"Compelle intrare"</i>)	8
1.3. Tendência à teocracia universal	8
2. Universalismo e abertura de Francisco, provenientes de sua opção por Jesus Cristo	9
2.1. Universalismo de São Francisco	9
2.2. Apego exclusivo a Jesus Cristo, como motivação do universalismo	11
2.3. Conversão ao centro que tudo abrange	13
2.4. Pistas para uma compreensão moderna	14
 Fontes eclesiais e franciscanas	 16
IV. Exercícios	17
V. Aplicações	24
VI. Bibliografia	26
VII. Legendas das ilustrações	28





Texto das Fontes

Enviado ao mundo inteiro



"Vendo o bem-aventurado Francisco que Deus fazia crescer seus irmãos em número e mérito, sendo eles já doze homens perfeítíssimos e tendo os mesmos sentimentos, disse aos onze, ele que era o duodécimo, guia e pai deles: 'Vejo, irmãos, que Deus, por sua misericórdia, quer que nossa irmandade cresça. Vamos, pois,

à nossa Mãe a Santa Igreja Romana, notifiquemos ao Sumo Pontífice o que o Senhor começou a fazer por nosso intermédio, a fim de que, conforme a sua vontade e ordem, continuemos naquilo que começamos.' Estas palavras do pai agradaram aos irmãos, e, juntamente com ele, empreenderam o caminho rumo à Cúria"...

Chegaram a Roma e ali o homem de Deus foi apresentado por um certo cardeal, bispo de Sabina, ao Sumo Pontífice, "ao qual (Francisco) tornou patente todo seu santo propósito. O Pontífice, muito notável por sua discrição, concordou, no devido modo, com os desejos do santo e, exortando ele a aos seus irmãos acerca de muitas coisas, abençoou-os dizendo: 'Ide com o Senhor, irmãos, e assim como ele se dignar inspirar-vos, pregai a penitência a todos. E quando Deus onipotente vos multiplicar com maior número e graça, no-lo referireis, e nós vos concederemos mais do que isso, encarregando-vos de coisas mais importantes'" (3S 46 e 49).



Introdução

I.

Amplitude universal

Na segunda recensão de sua carta aos fiéis, Francisco escreve: *“Sendo servo de todos, a todos devo servir as odoríferas palavras de meu Senhor”* (4Ct-b 2).

Francisco dirigiu sua carta aos governantes dos povos, *“a todos os podestás, cônsules, juízes e regentes no mundo inteiro, e a todos quanto receberem esta carta”* (8Ct).

Escreveu, igualmente, a todos os custódios e ministros dos Frades Menores, assim como à Ordem inteira. No Cântico ao Irmão Sol se dirige ao universo todo, a toda criação! Como podemos entender esta visão universal de Francisco, tão claramente demonstrada através de seus escritos?





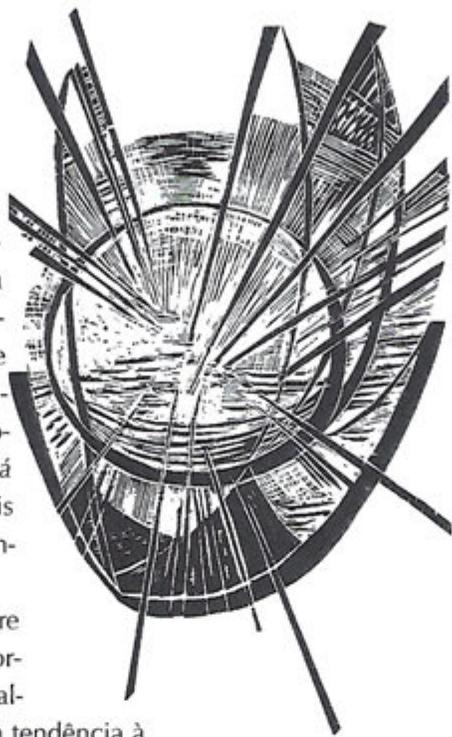
ão é possível compreender Francisco fora do seu contexto histórico

Francisco assume também modelos de pensar e comportamento já existentes. Em parte os transcende, em soberana liberdade, chegando a opiniões e atitudes profundamente diferentes das dos seus contemporâneos.

Por isso serão apresentados, numa primeira parte, os conceitos condicionados pelo tempo de então, que servirão como fundo para uma compreensão mais correta, não só de São Francisco, mas também de certas fórmulas que hoje já não se entendem ou se entendem de maneira errada. Uma destas fórmulas, certamente conhecida por todos, é: *"Fora da Igreja não há salvação"*; outra: *"Compelle intrare"*, é mais conhecida pelas conseqüências, ou seja, a conversão forçada.

A terceira fórmula que fala de uma analogia entre a hierarquia celeste e a terrena, vendo na ordem terrena uma representação do céu, é igualmente desastrosa quanto às conseqüências: a tendência à teocracia universal, ou seja, uma única ordem política com o papa à frente.

Numa segunda parte, tratar-se-á de aspectos que se derivam imediatamente dos Escritos de São Francisco. Podem estes aspectos ser resumidos na fórmula: decisão por Jesus Cristo e atitude de abertura universal. Tal atitude já se mostra na linguagem, em vários termos, mas também em algumas decisões fundamentais que se repetem sempre de novo. A adesão exclusiva a Jesus Cristo, como vem manifestada em relação à Cruz, à Eucaristia, à Igreja, verifica-se na vida de Francisco como sendo o próprio fundamento de seu universalismo. Daí a idéia de que missão é essencialmente conversão ao centro, para onde tudo converge. De outra maneira, não se compreendem as cartas eucarísticas do Santo. Finalmente, serão construídas pontes para a nossa compreensão moderna.





Informação

III.

Convicções religiosas no século XIII

1.

No século XIII, várias convicções religiosas foram universalmente difundidas, ganhando certa popularidade e exercendo uma influência incontestável. Uma vez que essas idéias pertencem ao contexto da vida de Francisco, é preciso analisá-las com atenção, para entender melhor como Francisco se comportou a respeito delas.



Fora da Igreja não há salvação ("Extra Ecclesiam nulla salus")

1.1.

Em 1215, o Concílio Lateranense IV proclamou solenemente: *"Só há uma Igreja universal dos fiéis. Fora desta Igreja ninguém pode salvar-se. Nela, Jesus Cristo é sacerdote e vítima ao mesmo tempo. Seu corpo e seu sangue estão realmente presentes no sacramento do altar sob as espécies de pão e de vinho; depois que, pelo poder de Deus, a essência do pão se transformou no corpo e o vinho no sangue, a fim de recebermos do que é dele e que ele recebe do que é nosso, e assim se aperfeiçoa a misteriosa unidade"* (Denziger 430).

É preciso salientar que esta afirmação não se refere propriamente às mútuas relações entre as várias religiões. A afirmação *"fora da Igreja não há salvação"* é, antes de tudo, a profissão de fé que a Igreja opõe aos cátaros e valdenses, que se apresentaram como alternativa cristã da Igreja e que, por isso, organizaram uma instituição autônoma (sacerdotes, sacramentos). A pretensão desta frase, de ser absoluta, deve ser entendida, portanto, no sentido de "política interna", destinada aos cristãos batizados e não pode ser tomada, sem mais nem menos, no sentido de "política externa" dirigida contra outras religiões. Francisco não consegue imaginar que se possa viver fora da Igreja e sem os sacramentos dela. Porém, nunca se pronunciou de modo desfavorável ou polêmico contra os cátaros ou valdenses. Acentua, isto sim, a ligação entre universalismo e sacramentalidade. Para ele, a salvação da humanidade está ligada essencialmente aos *"novos sinais do céu e da terra, que, grandes e excelentíssimos aos olhos do Senhor, são tidos em conta de vulgares por muitos religiosos e outros homens"* (CtCler3).



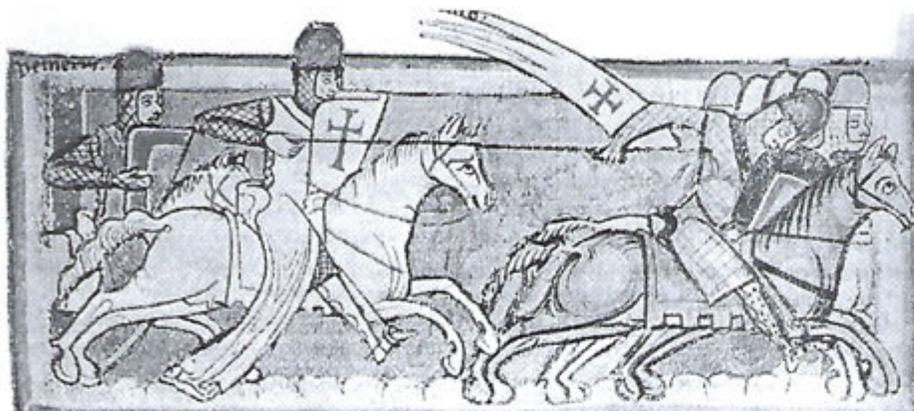
Segundo Francisco de Assis, o destino do mundo depende da Eucaristia, mas também do batismo e da penitência.

Infelizmente, na evolução posterior, a tese do Concílio Lateranense foi aplicada também às outras religiões, negando que estas tivessem um valor positivo e salvífico, até que, somente no Concílio Vaticano II, foram reconhecidas, em nome da vontade salvífica de Deus, como caminhos de salvação (cf. Lição 23).



conversão forçada (*"Compelle intrare"*)

1.2.



As experiências que a Igreja fizera na conversão dos eslavos e no encontro com o islamismo produziam, pouco a pouco, um novo procedimento. Em vez de esperar com paciência e de anunciar, pacificamente, a sua mensagem, a Igreja adota a violência, desenvolvendo o conceito da "guerra justa" e até "santa". Em outras palavras, defendia a tese de que *"o fim santifica os meios"*.

Mal interpretando a Bíblia (cf. Lc 14,15-24), queria forçar os homens a aceitarem a "verdadeira" fé. Esta convicção já tem suas raízes no pensamento de Santo Agostinho. Um dos representantes mais destacado desta opinião, e simultaneamente figura que marca a Igreja toda, é São Bernardo de Claravale († 1054). Assim, uma Cruzada após outra foi organizada, tanto contra o Islã como contra os movimentos "heréticos" na Europa daquele tempo.

Neste particular, Francisco e, a seu modo, também São Domingos, se distanciaram da maneira de pensar e proceder prevalentes. Propositamente, foram ao encontro dos "infiéis" e dos "heterodoxos" de modo não-violento (cf. Lição 16 e Lição 23).



endência à teocracia universal

1.3.

Com o Papa Inocência III († 1216), a Igreja alcançou o apogeu do poder político. Este poder precisava de uma justificação ideológica e teológica. Entre os franciscanos, foi São Boaventura († 1274) quem contribuiu com esta justificação. Como há um só Deus e Criador do universo, assim, segundo a sua opinião, no mundo visível também não pode haver mais de um representante de Deus com o direito de governar sobre o mundo inteiro, ou seja, o papa.

Quando lemos os Escritos de Francisco a este respeito, constatamos que, de fato, eles contêm muitas coisas que se prestam a tal opinião, entre outras, a sempre repetida afirmação da função especial do papa, o reconhecimento acrítico da instituição real do papado, a carta aos governantes dos povos, etc. Entretanto, é igualmente possível ler e entender os mesmos escritos do Santo sem atribuir-lhes esta tendência teocrática.

Certamente está errado, quando, hoje em dia, se exige uma obediência especial, além da obediência que se requer de todos os religiosos, obrigando a uma docilidade e submissão especiais a pronunciamentos feitos pelo Vaticano ou por certas autoridades episcopais.

No tempo de Francisco, os frades menores tiveram que apelar para a autoridade máxima do papa contra imposições feitas por bispos que, naquela época, dispunham de um poder quase autônomo (cf. Lição 9). Somente a partir de 1216 uma aprovação papal, além de uma série de cartas salvo-conduto, impediram a proibição local ou episcopal da Ordem ou mesmo a sua perseguição.



universalismo e abertura de Francisco, provenientes de sua opção por Jesus Cristo

2.

Universalismo de São Francisco

2.1.

O universalismo é uma característica evidente nos Escritos de Francisco de Assis, que se manifesta através de muitas expressões lingüísticas.



- Com impressionante frequência, Francisco usa palavras que, num sentido positivo ou negativo, abrangem “todos” ou falam de “cada um”. Usa expressões como: “omnia” (= tudo), “universus” (= universal), “totus” (= todo), “semper” (= sempre), “quicumque” (= quem quer que seja), “ubicumque” (= onde quer que seja), “solus” (= sozinho), “nullus” (= ninguém)... Segundo este levantamento estatístico, pode-se falar de “um universalismo típico de Francisco” (L. Lehmann).



- “A palavra ‘tudo’ é freqüente nos Escritos do Santo. Isto é típico para um temperamento apaixonado, mas também para um coração aberto e uma mística que abraça o mundo inteiro” (Th. Desbonnets e D. Vorreux).

- Igualmente, encontramos nos Escritos de Francisco enumerações e seqüências. Ele menciona vários grupos, classes sociais, santos, seres humanos e animais (por exemplo, RegNB 23,6-7; ElVirt; CtOrd 2,38). Seu universalismo não é um conceito abstrato e não impede de ver o indivíduo. É seu desejo dirigir a palavra a todos e a cada um. Na carta a todos os fiéis escreve: “Sendo servo de todos, a todos devo servir.” Lamenta que “por causa da enfermidade não possa visitar cada um em particular” (2CtFi).

- Com frequência, Francisco emprega o termo bíblico “céus e terra”, para englobar tudo (cf. LouvHCa9; OFP VII 4); ou usa conceitos da filosofia naturalista dos gregos, que, com quatro elementos (cf. Cant) entende a totalidade. Outras vezes se contenta em ficar simplesmente no formal: fazendo seguir quatro estrofes (elementos, pontos cardiais) compreendendo o mundo inteiro como um mundo orante (cf. LouvHCa).

- Finalmente, basta recordar como Francisco, sempre de novo, observa com admiração “o mundo inteiro”, como ele mesmo o exprime (cf. Test 4s; RegNB 23,7-11; 2CtFi; CtGov; 1CtCust 6s).



pego exclusivo a Jesus Cristo, como motivação do universalismo

2.2.

O universalismo de Francisco não é apenas um abstrato conceito teológico, mas nasce diretamente de sua fé decidida, totalmente entregue a Jesus Cristo. Devemos até dizer: a ligação exclusiva ao “Único” implica, ao mesmo tempo, um olhar confiante que abraça o “tudo”. Era capaz de olhar tudo com os olhos da fé.

Isto se expressa muito claramente na jaculatória: “*Meu Deus e meu tudo!*” (= Deus meus et omnia). Portanto, para ele, só há uma coisa pela qual vale a pena viver: Deus. Mas este Único contém tudo, o mundo inteiro, todas as criaturas, cada coisa em particular.

Convém chamar atenção para o fato de que as traduções costumeiras caíram numa inadvertência. O “omnia” (= tudo) não leva pronome possessivo como a palavra “Deus”. Não se pode, portanto, traduzir: “*Meu Deus e meu tudo*”. Além disso, “omnia” está no plural; refere-se a todas as coisas, todas as criaturas, tudo que existe. Em outras palavras, trata-se do mundo inteiro e de modo abrangente (cf. Lição 10).

A motivação cristológica para o universalismo de Francisco aparece nos seus Escritos em diversos lugares:

• **Opção pela Cruz** (cf. Test 4s).

A salvação do mundo inteiro está ancorada num único fato da história, na morte de Jesus na cruz. Segundo Tomás de Celano, este acontecimento único é o motivo decisivo para a atividade missionária de São Francisco: “*(Francisco) não queria viver só para si, mas para aquele que morreu por todos, porque se sabia enviado para isto*” (1Cel 35; 2Cor 5,14).

Se Deus se entrega pela salvação do mundo, então o discípulo de Jesus deve também arriscar tudo, empenhando até a própria vida. O olhar meditativo e místico sobre o Crucificado coloca diante dos olhos o mundo inteiro.

Quem segue Jesus, tem que assumir as mesmas opções que o Cristo assumiu, partici-



pando da missão dele. Francisco entendeu essa opção ao pé da letra. Sua decisão de seguir ao *“Cristo pobre e humilhado”* o levou a escolher para si e seus seguidores a *“minoritas”* (= ser o menor). Isto traz vastas conseqüências para os discípulos. Eles têm que estar prontos para anunciar a Boa-Nova até os confins da terra, morrendo e ressuscitando com Cristo. No atual contexto mundial, isto significa para os discípulos a obrigação de, a exemplo de Cristo, estar sempre do lado dos pobres e oprimidos, contribuindo para a libertação deles (cf. Lição 18).

• **Opção pela Eucaristia** (Adm 1; Test 10; RegCl 3)

O pensamento de Francisco é mais ou menos o seguinte: Não é possível para nós, conhecer a Deus que habita *“numa luz inacessível”* (1Tm 6,16). Não existe uma ponte, pela qual o ser humano, por si mesmo, possa chegar a Deus. Mas Deus, por sua parte, constrói a ponte por sobre o abismo: Jesus Cristo. Francisco não vê outro caminho.

Mas como podem encontrar a Jesus as pessoas que não são contemporâneas dele, uma vez que vivem muito tempo depois dele? É-lhes aberto

o acesso pela Palavra e pelos Sacramentos, principalmente pela Eucaristia. *“Pois nada temos nem vemos corporalmente dele, do próprio Altíssimo, neste mundo, senão o corpo e o sangue, os nomes e as palavras pelas quais fomos criados e remidos ‘da morte para a vida’”* (CtCler). A partir deste princípio, torna-se compreensível que Francisco entenda sua missão como essencialmente eucarística.

Em muitas cartas a diversos grupos humanos, Francisco insiste no universal sentido salvífico da Eucaristia, chamando todos a uma conversão radical aos *“novos sinais do céu e da terra”* (1CtCust; cf. CtCler; 2CtCust; CtGov 1-6; 7CtOrd 5-33).



• **Opção pela Igreja**

As mesmas Fontes valem também para esta opção, pois a Palavra e os Sacramentos estão condicionados por uma realidade anterior que tem de ser aceita. Essa realidade é a Igreja com suas tradições e instituições obrigatórias.

Francisco liga, sobretudo, a realidade espiritual da Eucaristia a realidades institucionais como o sacerdócio sagrado e a Igreja Romana, que ele reconhece como a única autorizada e com o di-



reito de conceder, a certas pessoas, a faculdade de celebrar a Eucaristia. Fora destas instituições, segundo Francisco, não acontece Eucaristia (cf. Test 7-13).

Não se pode entender, portanto, a universalidade de Francisco puramente no sentido “horizontal”, isto é, em nível intramundano. Antes, deve ser entendida no sentido “vertical”, fundamentada na esfera religiosa. Já não é válida uma piedade acanhada, como tampouco pode haver uma universalidade puramente imanente, pois tudo que existe se relaciona com Deus (cf. Lição 1, 2.2.).



Conversão ao centro que tudo abrange

2.3.

Como, para Francisco, olhar para Jesus Cristo liberta para a universalidade, ele se sente chamado a acentuar também a direção inversa: O universo inteiro deve encetar o caminho para o centro que tudo abrange, ou seja, Jesus Cristo, a Eucaristia, a Igreja (cf. # 2.2.).

No entanto, para a isto chegar, o recurso que Francisco investe não é a violência, mas a pregação da penitência, o apelo para que se reconheça a Deus como Criador, Redentor e Salvador; e para que as pessoas se voltem àquele que é Salvação e Vida.

É o motivo pelo qual escreve tantas cartas aos fiéis, a todos os governantes dos povos, a todos os clérigos, a todos os custódios. Para a pregação da penitência, ele dá um modelo (RegNB 21) e um exemplo (cf. CantS). Espera de todos que tendam à formação de uma única comunidade universal, que se sintam unidos no louvor a Deus:

“Por isso, aconselho-vos encarecidamente, meus senhores, que deixeis de lado todos os cuidados e solitudes e recebais com amor o santíssimo corpo e o santíssimo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, por ocasião de sua santa memória. Diante do povo que vos foi confiado, prestai ao Senhor este testemunho público de veneração: todas as tardes, mandai proclamar por um pregoeiro, ou anunciar por algum sinal, que todo o povo deve render graças ao Senhor Deus todo-poderoso” (CtGov).



Bem entendido: ele se dirige não apenas a povos já cristianizados, mas, ao menos na intenção, a todos “no mundo inteiro” (CtGov 1). A partir deste fundo deve-se entender também a sua viagem ao Egito e o capítulo sobre “sarracenos e outros infiéis” (RegNB 16; cf. também Lição 7).



istas para uma compreensão moderna

2.4.

Sem dúvida, o conceito franciscano impressiona pela unidade entre decisão e abertura. Mesmo assim, para o homem de hoje, muita coisa fica inimitável. Por isso, a seguir, damos algumas pistas para uma compreensão melhor.

Unindo a sua opção por Jesus Cristo e sua orientação universalista fundamental, Francisco não quis emitir um juízo objetivo sobre outras religiões. Pediríamos demais a Francisco, se esperássemos dele uma fundamentada visão global, assim como avaliações objetivas e teológicas. A este respeito, foram feitos progressos recentes, ao menos desde o Concílio Vaticano II (cf. *Nostra aetate*; *Evangelii nuntiandi* 80; *Redemptor hominis* 11 e 13; *Redemptoris missio* 28s e 55s; Mattli [1978] 27). Reconhece-se hoje em dia, que as outras religiões têm um valor em si, que são caminhos positivos de Deus para os homens. Aprofundaremos este assunto numa outra ocasião (cf. Lição 15).

Seguramente, Francisco ainda não chegou a refletir sobre o valor objetivo de outras religiões. Quem, porém, a exemplo dele, dedica todo o seu amor e toda sua atenção a Jesus Cristo, experimentará essa dedicação total como uma libertação ao “todo”. Neste sentido, não há dúvida que Francisco foi impressionado pelo mundo islâmico; e sua estadia no Egito ajudou-lhe a aprofundar a sua compreensão da transcendência de Deus. Neste contexto, é instrutivo um esclarecimento que ele mesmo deu:

“Um dia, um frade lhe perguntou por que recolhia também os escritos dos pagãos, onde não estava o nome do Senhor, e ele respondeu: ‘Meu filho, contêm as letras com que se escreve o gloriosíssimo nome do Senhor. O que há de bom neles, não pertence aos pagãos, nem a ninguém em particular, mas somente a Deus, de quem são todos os bens’” (1Cel 82).

No contexto de nossa problemática, este texto é importante em dois sentidos:

- Tudo, também o que não é expressamente cristão, até o mundo não-cristão, é orientado em direção a Cristo. Em outras palavras, também aquilo que não é cristão ou até anticristão, pode contribuir para transmitir algo que possa conduzir à compreensão de Jesus Cristo.

- Não há um monopólio sobre o bem. Nem mesmo a Igreja possui tal monopólio (cf. Lição 8), mas somente Deus. E ele é livre para dar a todos o que é dele.

Meditando sobre o conteúdo do Cântico ao Irmão Sol, em nenhum trecho se tem a impressão de estar diante de um texto explicitamente cristão. Poderia provir também de um ambiente de mentalidade indígena, africana ou oriental. O que é cristão no texto, no entanto, só se torna claro através da estrutura formal:

- No Cântico, continuamente se repetem três adjetivos. Quem conhece as formas estilísticas da Idade Média, sabe que o esquema trinário é usado muitas vezes para realçar os vestígios da Trindade; e isso principalmente no nível da criação. Boaventura, místico ardente da Santíssima Trindade, usava este esquema em muitas das suas obras. Podemos, portanto, supor, o que também Francisco queria dizer: até o seu mais íntimo, a criação é marcada pelo mistério do Deus trinitário. Ao olhar a criação, o cristão não pode contentar-se com uma vaga religiosidade qualquer, mas descobrirá por toda parte o Deus, que se lhe revela como sendo trinitário.

- O original do Cântico do Irmão Sol tem 33 linhas. Também esse número faz parte dos princípios estilísticos do pensamento medieval. Assim, por exemplo, a bem-aventurada Luitgardis de Wittichen (* 1348), uma franciscana alemã da região da Floresta Negra, não quis aceitar mais de 33 irmãs no seu convento; 33 dias formaram, para ela, uma unidade de orações, etc. Parece provável que o número de linhas no Cântico do Sol também não era fortuito, mas uma clara referência aos 33 anos de vida de Jesus Cristo e, em consequência, a um mundo marcado por Jesus.



- A primeira e a última linha do Cântico do Irmão Sol estão numa singular relação mútua. Pois, associando as palavras da primeira e da última linha, descobrimos que se



unem palavras que, em outros Escritos de Francisco, formam pares: “altíssimo”/“em humildade”; “onipotente”/“servir”; “bom Senhor”/“dar graças”. Estes binários de palavras formam o monograma estrelado de Cristo. Provavelmente, também isto é intencional. É uma maneira de indicar que a criação inteira é mantida por Cristo, e que a história do mundo, pela Cruz e Ressurreição, foi resgatada num sentido salvífico.



É como se Francisco tivesse impregnando, profundamente, o mundo inteiro com aquilo que é especificamente cristão, proclamando o Cristo como sendo a interioridade central do mundo inteiro. A humanização de Deus é a expressão visível da proximidade de Deus, sua presença no mundo. A visão universal de Francisco está ancorada nesta fé fundamental: em Cristo, Deus é o centro absoluto que tudo abrange. A partir deste centro, ele pode dirigir-se a tudo que é criado, como sendo um irmão ou uma irmã. Portanto, o especificamente cristão consiste, sobretudo, naquilo que dá forma e destino e não tanto no conteúdo dogmático.

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	1 Tm 6,16
Documentos da Igreja	NA; EN 80; RH 11; 13; RM 28s; 55s; FD Introdução
Fontes franciscanas	2CtFi 2s; CtCler 3; 1CtCust 1; CtGov 1; 6s; RegB 9; 2CtIn; 4CtIn; TestCl 4; 1Cel 35.82; 3LegCor 46s; 1Fior 8
Documentos interfranciscanos	
OFM – OFMCap – OFMConv	Mattli 1978, 27
OSC (Clarissas)	2ª e 4ª carta a Inês de Praga
OSF (TOR)	
OFS	
Suplementos*	

* Observação: As fontes podem ser completadas pelo(s) participante(s) ou leitor(es) do curso.



Dê o seu parecer a respeito da opinião de Rogério Bacon († 1292) sobre a conversão forçada:

“Todos gostariam de tornar-se cristãos, se a Igreja os deixasse na liberdade e consentisse que, em paz, pudessem partilhar dos bens. Mas os príncipes cristãos que se esforçam por convertê-los, principalmente os irmãos da casa alemã, querem fazê-los escravos. Disso estão cientes os frades pregadores e os frades menores em toda a Alemanha e na Polônia. Vão para a guerra contra os infiéis e estes resistem à força, mas não porque tenham uma fé melhor...

A violência, só por acaso, pode ser bem-sucedida, como vemos em todas as guerras de aquém e além-mar. A sabedoria, porém, é dirigida por uma lei interior e alcança realmente o seu intento.”

(Rogério Bacon, *Moralis Philosophia*, citado por A. Rotzetter em: *Kreuzzugskritik und Ablehnung der Feudalordnung in der Gefolgschaft des hl. Franz*)

Perguntas:

1. A opinião de Rogério Bacon concorda com a de São Francisco?
2. Quais são as diferenças?



A seguinte história, chamada “Da verdadeira e perfeita alegria”, pertence aos textos mais conhecidos sobre São Francisco. Ela foi ampliada mais tarde nos *Fioretti* (cap. 8). “O mesmo (Frei Leonardo) contou que um dia o bem-aventurado Francisco, perto de Santa Maria dos Anjos, chamou a Frei Leão e lhe disse: ‘Frei Leão, escreve.’ Este respondeu: ‘Eis-me pronto.’ ‘Escreve, disse, o que é a verdadeira alegria.’



‘Vem um mensageiro e diz que todos os mestres de Paris entraram na Ordem; escreve: não está aí a verdadeira alegria. E igualmente que entraram na Ordem todos os prelados de Além-Alpes, arcebispos e bispos, o próprio rei da França e o da Inglaterra; escreve: não está aí a verdadeira alegria. E se receberes a notícia de que todos os meus irmãos foram pregar aos infiéis e converteram a todos para a fé, ou que eu recebi tanta graça de Deus que curo os enfermos e faço muitos milagres: digo-te que em tudo isso não está a verdadeira alegria.’

‘Mas, o que é a verdadeira alegria?’

‘Eis que volto de Perugia no meio da noite, chego aqui num inverno de muita lama e tão frio que na extremidade da túnica se formaram caramelos de gelo que me batem continuamente nas pernas fazendo sangrar as feridas. E todo envolvido na lama, no frio e no gelo, chego à porta, e depois de bater e chamar por muito tempo, vem um irmão e pergunta: ‘Quem és?’ E eu respondo: ‘Frei Francisco.’ E ele diz: ‘Vai-te embora; não é hora própria para chegar, não entrarás.’ E ao insistir, ele responde: ‘Vai-te daqui, és um ignorante e idiota; agora não poderás entrar; somos tantos e tais que não precisamos de ti.’ E fico sempre diante da porta e digo: ‘Por amor de Deus, acolhei-me por esta noite.’ E ele responde: ‘Não o farei. Vai aos crucíferos e pede lá.’

Pois bem, se eu tiver tido paciência e permanecer imperturbável, digo-te que aí está a verdadeira alegria, a verdadeira virtude e salvação da alma” (Opúsculos ditados: Da verdadeira e perfeita alegria, em: *Escritos e biografia de São Francisco de Assis*, p. 174). É possível ler este texto sob o ponto de vista: “missão como êxito externo” ou “missão como opção por Jesus Cristo”.

Perguntas:

1. Como julga Francisco o sucesso exterior no trabalho missionário?
2. O que, para Francisco, é o mais importante?



3.

Leia os dois textos seguintes que são trechos de documentos pontifícios:

- Início da Encíclica *Fidei donum* do Papa Pio XII (1957):

“(1) O dom da fé que, pela liberalidade de Deus, traz às almas dos fiéis incomparáveis

riquezas, pede que, sem cessar, demonstremos nossa gratidão a seu divino Autor. Com efeito, é a fé que nos introduz aos elevados mistérios da vida divina; nela se funda nossa esperança da bem-aventurança celeste; nela se firma e consolida, nesta vida transitória, o vínculo da comunidade cristã, conforme a palavra do Apóstolo: 'um só Senhor, uma só fé, um só batismo' (Ef 4,5). É por excelência o dom divino que faz brotar naturalmente o testemunho de nossa gratidão: 'Que retribuirei ao Senhor por tudo quanto me concedeu?' (Sl 115,12). Por essa divina liberalidade, haverá algo de mais agradável a oferecer a Deus, depois da devida submissão do espírito, do que levar sempre mais longe, entre os homens, o facho da verdade trazida por Cristo? Lembrados de tão grandes benefícios, devem, portanto, responder os homens, de modo particular, com grande zelo pelo desenvolvimento das sagradas missões, que são alimentadas pela chama da caridade cristã, pois, partilhando assim, do melhor modo possível, o dom da fé com os outros, darão provas de seu reconhecimento para com a celeste divindade.

(2) Considerando, de um lado, a imensa multidão de nossos filhos que, principalmente nas regiões possuidoras há muito do nome cristão, participam dos benefícios da fé divina; por outro, porém, reconhecendo ser incomparavelmente maior o número dos que, até hoje, aguardam o mensageiro da salvação, desejamos ardentemente, veneráveis irmãos, exortar-vos sempre mais a sustentar com todo empenho a causa santíssima que tem por fim a propagação, por todo o orbe da terra, da Igreja de Deus. Façam nossas exortações que o espírito de apostolado missionário surja e floresça com maior ardor nas almas dos sacerdotes e, por seu ministério, se infunda em todos os fiéis."

• **Da exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* do Papa Paulo VI (1975):**

"(80) Um outro nosso apelo, aqui neste ponto, inspira-se no fervor que se pode observar sempre na vida dos grandes pregadores e evangelizadores, que se consagraram ao apostolado. Entre estes, apraz-nos realçar, particularmente, aqueles que, no decorrer deste ano santo, nós tivemos a dita de propor à veneração dos fiéis. Eles souberam superar muitos obstáculos que se opunham à evangelização.

De tais obstáculos, que são também dos nossos tempos, limitar-nos-emos a assinalar a falta de fervor, tanto mais grave por isso mesmo que provém de dentro, do interior de quem a experimenta. Essa falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, no acomodamento e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e de esperança em numerosos evangelizadores. E assim, nós exortamos todos aqueles que, por qualquer título e em alguma escala, têm a tarefa de evangelizar, a alimentarem sempre o fervor espiritual.

Este fervor exige, antes de mais nada, que nós saibamos banir os álibis que pretendessem opor-se à evangelização. Os mais insidiosos são certamente aqueles para os quais se presume encontrar um apoio neste ou naquele ensinamento do Concílio.



É assim que se ouve dizer, demasiado freqüentemente, sob diversas formas: impor uma verdade, ainda que seja a verdade do Evangelho, impor um caminho, ainda que seja o da salvação, não pode ser senão uma violência à liberdade religiosa. De resto, acrescenta-se ainda: Para que anunciar o Evangelho, uma vez que toda a gente é salva pela retidão do coração? E sabe-se bem, além disso, que o mundo e a história estão cheios de sementes da Palavra: Não será, pois, uma ilusão o pretender levar o Evangelho aonde ele já se encontra, nestas sementes que o próprio Senhor aí lançou?

Quem quer que se dê ao trabalho de aprofundar, nos mesmos documentos conciliares, os problemas em base aos quais esses álibis são formulados, de maneira demasiadamente superficial, encontrará uma visão totalmente diversa da realidade.

É claro que seria certamente um erro impor qualquer coisa à consciência dos nossos irmãos. Mas propor a essa consciência a verdade evangélica e a salvação em Jesus Cristo, com absoluta clareza e com todo o respeito pelas opções livres que essa consciência fará – e isso, sem pressões coercitivas, sem persuasões desonestas e sem aliciá-la com estímulos menos retos – longe de ser um atentado à liberdade religiosa, é uma homenagem a essa liberdade, à qual é proporcionado o escolher uma via que mesmo os não-crentes reputam nobre e exaltante. Será então um crime contra a liberdade de outrem o proclamar com alegria uma Boa-Nova que se recebeu primeiro pela misericórdia do Senhor? Ou por que, então, só a mentira e o erro, a degradação e a pornografia, teriam o direito de serem propostos e com insistência, infelizmente, pela propaganda destrutiva dos ‘mass média’, pela tolerância das legislações e pelo acanhamento dos bons e pelo atrevimento dos maus? Esta maneira respeitosa de propor Cristo e seu reino, mais do que um direito, é um dever do evangelizador. E é também um direito dos homens, seus irmãos, o receber dele o anúncio da Boa-Nova da salvação. Esta salvação, Deus pode realizá-la em quem ele quer por vias extraordinárias que somente ele conhece. E, entretanto, se o Filho veio, foi precisamente para nos revelar, pela sua palavra e pela sua vida, os caminhos ordinários da salvação. E ele ordenou-nos transmitir aos outros essa revelação, com a sua própria autoridade.

Sendo assim, não deixaria de ter a sua utilidade que cada cristão e cada evangelizador aprofundasse na oração este pensamento: os homens poderão salvar-se por outras vias, graças à misericórdia de Deus, se nós não lhes anunciarmos o Evangelho; mas nós, poder-nos-emos salvar se, por negligência, por medo ou por vergonha – aquilo que São Paulo chamava exatamente ‘envergonhar-se do Evangelho’ (cf. Rm 1,16) – ou por se seguirem idéias falsas, nos omitirmos de o anunciar? Isso seria, com efeito, trair o apelo de Deus que, pela voz dos ministros do Evangelho, quer fazer germinar a semente; e dependerá de nós que essa semente venha a tornar-se uma árvore e a produzir todo seu fruto.

Conservemos o fervor do espírito, portanto; conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Que isto constitua

para nós – como para João Batista, para Pedro e para Paulo, para os outros apóstolos e para uma multidão de admiráveis evangelizadores no decurso da história da Igreja – um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir. Que isto constitua, ainda, a grande alegria das nossas vidas consagradas. E que o mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa-Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem receberam primeiro em si mesmos a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo.”

Tarefa e pergunta:

Compare os dois textos e verifique como – desde 1957 até hoje – a atitude mudou em relação à tarefa missionária. (Ver também *Redemptor hominis* e *Redemptoris missio*, Lição 1, Exercício 4.)



4.

Leia os seguintes textos de Santa Clara:

* Da 2ª carta de Clara a Inês de Praga:

“(2) É por causa desta perfeição, que o rei mesmo te levará para a sua morada celeste, onde Ele está sentado em glória acima das estrelas. Tu, pois, desprezaste as grandezas de um reino terrestre e consideraste de pouco valor o pedido de casamento com o imperador. Desejando apenas a santíssima pobreza, te comprometeste, em espírito de grande humildade e amor, a seguir as pegadas daquele com quem mereceste unir-te intimamente.

(3) Como sei que és honrada por causa das tuas virtudes, quero ser breve, não falando demais, embora seja bem possível que não vejas nada demais naquilo que pode dar-te qualquer consolo. Mas, porque só uma coisa é necessária (cf. Lc 10,42), apenas quero exortar-te, por amor daquele a quem te ofereceste como uma santa e agradável oferenda (cf. Rm 12,1), que continues firme no teu propósito, como uma outra Raquel (cf. Gn 29,16). Nunca percas de vista o teu ponto de partida; conserva o que tens; continua fazendo o que fazes agora. Não te detenhas; antes avança com confiança e alegria, em rápida carreira, passo ligeiro e pé seguro, pelo caminho da bem-aventurança que te



espera, sem permitir que nem sequer o pó da terra retarde a tua marcha. Não acredites, nem consintas em nada que possa afastar-te do teu ideal ou ser uma barreira no teu caminho, para cumprir os votos ao Altíssimo (cf. Sl 50,14), com a perfeição à qual o Espírito Santo te chamou.

(4) Para poderes andar pelo caminho dos mandamentos do Senhor com mais segurança, segue o conselho do Reverendo Padre, Frei Elias, nosso ministro geral. Sua opinião seja-te mais válida do que o parecer dos outros e mais cara do que qualquer dom. Se alguém te disser ou sugerir alguma coisa que impeça a tua perfeição e que é contrária à divina vocação, é claro que deves respeitar essa opinião. No entanto, não sigas aquele conselho, mas entrega-te totalmente ao Cristo pobre como virgem pobre. Olha para Ele, que, por teu amor, se fez desprezível, e segue o seu exemplo, tornando-te semelhante a Ele neste mundo.

Observa, considera, contempla aquele que, por tua salvação, se fez o mais desprezado dos homens. Ó rainha muito nobre, não desejes outra coisa, senão imitar o teu esposo, o mais formoso dos filhos dos homens (Sl 45,3), que foi rejeitado, ferido e muitas vezes flagelado no seu corpo, e que morreu na cruz entre muitas angústias. Participando da sua paixão, participarás também do seu reino. Chorando com Ele, com Ele te alegrarás. Sofrendo e morrendo com Ele na cruz, possuirás uma morada celeste no meio do esplendor dos santos (cf. Sl 109,3, na tradução da Vulgata). Então o teu nome será escrito no livro da vida (Ap 3,5) e continuará glorioso entre os homens. Assim obterás para sempre e por toda a eternidade a glória do reino celeste em vez de honras terrestres e transitórias. Do mesmo modo participarás dos bens eternos em vez dos que passam e viverás pelos séculos dos séculos."

Da 4ª carta de Clara a Inês de Praga:

"(4) Atende, digo-te, àquilo que este espelho mostra em primeiro lugar, a saber: a pobreza daquele que está deitado no presépio, envolto em panos. Ó admirável humildade, ó estupenda pobreza. O Rei dos anjos, Senhor do céu e da terra, repousa numa manjedoura.

Contempla o que te mostra esse espelho em seguida: a humildade junto com a santa pobreza e tantas fadigas e dores que Ele suportou pela redenção do gênero humano.

Por fim, observa nesse mesmo espelho a inefável caridade com que quis sofrer na cruz e nela morrer a morte mais cruel. Colocado no lenho da cruz, esse mesmo espelho adverte aos que passam dizendo: 'Ó vos todos, que passais pelo caminho, olhai e julgai se existe dor igual à dor que me atormenta!' (Lm 1,12). Respondamos a ele que clama e geme, assim nos exorta esse espelho, com uma só voz e com um só espírito: 'A pensar nisto sem cessar, a minha alma desfalece dentro de mim' (Lm 3,20).

Desde modo então, ó rainha do Rei celeste, o ardor da caridade inflame-te cada vez mais de um amor profundo."

Perguntas:

1. De que modo, a opção pelo “Cristo pobre e humilde”, descrito por Clara, foi incluída nos documentos da sua Ordem ou Congregação?
2. Na sua congregação, de que maneira se exprime concretamente a “minoritas” (= o ser menor de todos)?





Volte a reler, mais uma vez, o texto sobre “a verdadeira e perfeita alegria” (no 2º Exercício).

Perguntas:

1. Como você reage em caso de insucesso pessoal e diante de tentações exteriores?
2. Você seria capaz de escrever uma atualização semelhante, em forma de uma história? Então, faça isso!



No seu livro *O Cristo reconhecido pelo renascimento indiano*, M.M. Thomas cita as palavras famosas de Mahatma Gandhi:

“A mensagem de Jesus, assim como eu a entendo, está contida no Sermão da Montanha. O espírito do Sermão da Montanha pode concorrer, sob condições quase iguais, com a Bhagavadgita pela preferência do meu coração. É esse sermão que me fez amar a Jesus” (p. 204).

Mas não é somente o sermão de Jesus, mas igualmente a sua vida prática de não-violência e finalmente a sua morte: *“Apesar de não poder pretender ser um cristão, no sentido propriamente religioso, mesmo assim, o exemplo como Jesus sofreu é um fator importante contribuindo para a minha fé fundamental em relação à não-violência, que dirige todos os meus atos terrenos e temporais. Jesus teria vivido em vão e teria morrido em vão, se não nos tivesse ensinado a orientar toda a nossa vida de acordo com a lei eterna do amor”* (p. 205).

Perguntas:

1. Compare este texto com a Introdução do 4º Concílio Lateranense sobre *Extra Ecclesiam nulla salus*, citada na presente lição, sob o nº 1.1.
2. O que você sente?



3.

Observe a situação da sociedade atual e da Igreja de hoje no contexto onde você vive.

Pergunta:

É possível, para você, viver neste ambiente a visão universal de Francisco?



4.

Tarefa:

Procure nas Regras e Constituições, ou em outros documentos significativos da sua Ordem ou Congregação, trechos ou textos que refletem a visão universal de Francisco.



Em português

- Leclerc, Elói. *O cântico das criaturas – Os símbolos da união*, 2ª edição, Petrópolis, Vozes/FFB, 1992.
- Lehmann, Leonard. *Francisco, mestre de oração*, Piracicaba, Centro Franciscano de Espiritualidade, 1997.

Em alemão e outras línguas

- Bader, H. (edit.). *Universität als Auftrag des Glaubens* (Munique 1982).
- Bombach, B. von. *Das Leben der seligen Luitgard von Wittichen (1291-1348)*, (Stein am Rhein 1976).
- Bsteh, A. (edit.). *Universales Christentum angesichts einer pluralen Welt* (Mödingen 1976).
- . *Zur Frage der Universalität der Erlösung* (Viena 1966).
- Denzider-Schönmetzer. *Enchiridion Symbolorum* (Friburgo 1967).
- Desbonnets, T. e Vorreux, D. *Saint François d'Assise: documents, écrits et premières biographies* (Paris 1968) 1524.
- Kasper, W. (edit.). *Absolutheit des Christentums* (Quaest. disp. 79) (Friburgo 1977).
- Klinger, E. (edit.). *Christentum innerhalb und ausserhalb der Kirche* (Quaest. disp. 73), (Friburgo 1976).
- Lehmann, L. *Tiefe und Weite. Der universale Grundzug in den Gebeten des Franziskus von Assisi* (Werl 1984), 34-39: Das Christusmonogramm als Grundmuster des Sonnengesangs.
- Lohfink, G. Universalismus und Exklusivität des Heils im NT, em: W. Kasper (edit.), *Absolutheit des Christentums* (Quest. disp. 79) (Friburgo 1977) 63-82.
- Paulo VI. *Evangelii nuntiandi: Exortação apostólica sobre a Evangelização no mundo contemporâneo* (São Paulo 1975).
- Piu XII. *Fidei Donum: Encíclica papal sobre a Missão, de Leão XIII a João XXIII* (Documentos Pontifícios, n. 119) (Petrópolis 1957).
- Ratzinger, J. Der Einfluss des Bettelordenstreites auf die Entwicklung der Lehre vom päpstlichen Universalprimat. Unter besonderer Berücksichtigung des hl. Bonaventura, em: *Theologie in Geschichte und Gegenwart* (Munique 1957) 697-724.
- . *Die Geschichtstheologie des hl. Bonaventura* (Munique 1959).
- Rotzetter, A. Der Sonnengesang des hl. Franz als missionarisches Lied von aktueller Bedeutung, em: A. Camps e W. Hundold (edit.), *Erschaffe mir ein neues Volk* (Mettingen 1982) 44-61.

- . Kreuzzugskritik und Ablehnung der Feudelordnung in der Gefolgschaft des hl. Franz, em: *Wissenschaft und Weisheit* 35 (1972) 121-137.
- . Universale Sendung und Clastrum. Eine weltzugewandte Spiritualität im Kloster, em: A. Rotzetter (edit.), *Geist und Welt* (Seminar Spiritualität 3), (Zurique 1981) 211-217.
- Samartha, St. *Hindus vor dem universalen Christus* (Stuttgart 1970).
- Scheele, P.-W. Der universale Geltungsanspruch des Christentums, em: A. Paus (edit.), *Jesus Christus und die Religionen* (Graz 1980) 191-231.
- Thomas, M.M. *The Acknowledged Christ of the Indian Renaissance* (1970).
- Weil, S. *Zeugnis für das Gute. Traktate, Briefe, Aufzeichnungen* (Olten/Friburgo 1976), 181.
- Wilpert, P. (edit.). *Universalismus und Partikularismus im Mittelalter* (Miscellanea Mediaevalis 5) (Berlim 1968)

Confira também: Wahre und falsche Universalität des Christentums, Caderno 5, em: *Concilium* 16 (1980) 307-386.



- Capa:** São Francisco, patriarca e legislador; anônimo, séc. XVI.
- Folha de rosto:** A cruz da transfiguração. Mosaico na igreja de S. Apolinaris in Classe, Ravena, séc. VI.
- P. : 4** Francisco e seus irmãos diante do papa. Desenho de La Franceschina, 1929, detalhe.
- P. : 6** em: Kontinente 3/95.
- P. : 8** Tomada de Jerusalém. Ilustração de uma Bíblia, cerca de 1200, Den Haag, Biblioteca Real (de: 200 anos de cristianismo, p. 296).
- P. : 10** São Francisco, o Cântico do Irmão Sol.
- P. : 11** São Francisco e seus companheiros seguem Cristo com a cruz. Desenho de La Franceschina, 1929.
- P. : 12** em: Antoniuskalender 6/94.
- P. : 12** Igreja. Colagem de P. Reding.
- P. : 13** Francisco e o sultão Melek-el-Kamil do Egito, falando sobre a verdadeira fé. Miniatura do Códice Legenda Maior, séc. XV, Museu franciscano, Roma.
- P. : 15** A Santíssima Trindade no jardim de Eden. Códice 2780, folha 8, Viena 1423.
- P. : 16** Monograma de Cristo. Mosaico do batistério em Albenga, séc. V.

Para refletir

Dignidade humana/direitos humanos

“Deus, será que vós vos enganastes

ao criar o homem na pluriformidade?

Não teria sido possível fazê-lo um pouco mais ‘igual’?

Todos com a mesma pele, de preferência branca;

todos com a mesma língua, de preferência alemã;

todos com a mesma religião, de preferência católica;

todos com os mesmos valores, de preferência os nossos?”

Isto teria agradado à nossa ingenuidade!

Mas a Deus não agrada.

Ele prefere o múltiplo e pluriforme, pluriforme nos seres humanos, que se reflete na multiplicidade

de pessoas, nações, culturas, na multiplicidade de tudo que foi criado.

Essa multiplicidade é o direito fundamental,

a dignidade fundamental dos seres humanos

porque são como Deus.

Tal pluriformidade é rica,

bela, refrescante,

estimulante, libertadora,

vivificante, complementar,

celeste: ela é como Deus.

Que tipo de humanidade seria aquela onde todos se parecessem comigo,

pensassem como eu, agissem como eu, onde cada um tivesse o meu horizonte,

os meus gostos, os meus sentimentos,

as minhas reações, a minha imaginação (ou a falta dela),

onde cada um cantasse os meus cantos

– e nenhum outro,

comesse as minhas comidas

– e nenhuma outra,

amasse as minhas paisagens

– e nenhuma outra,

onde cada um tivesse a minha fé

– e nenhuma outra,

a minha esperança

– e nenhuma outra,

o meu amor

– e nenhum outro:

Que tipo de humanidade seria essa!

Que tipo de seres humanos seriam!

Que tipo de cultura seria!

Que tipo de religião seria!

Que tipo de Igreja seria!

“Ó santa (ou calamitosa) ingenuidade!”

Pluriformidade é rica,

bela, refrescante,

estimulante, libertadora,

vivificante, complementar,



celeste: ela é como Deus.

E por isso:

deixe o outro ser outro;

é seu direito;

é sua dignidade.

Deus se reflete nisso!

Não se intrometa na obra de Deus,

procurando limitar a pluriformidade das
suas criaturas.

Ó ingenuidade bitolada!

“Deus, será que vós vos enganastes
ao criar o homem na pluriformidade,
ou será que fui eu quem se enganou?”

Heribert Arns, OFM

Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 242-5247 e 242-1300

FAX (0xx24) 242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

0. Introdução e visão de conjunto

1. Cristianismo, a religião de Encarnação

2. A família franciscana

3. Cooperação interfranciscana hoje

4. Formação inicial e permanente

5. Fundamento bíblico-profético da missão franciscana

6. A origem da missão franciscana no mistério trinitário

7. A missão franciscana nas primeiras fontes

8. Fidelidade e traição: A história da missão

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas

10. Unidade de contemplação e missão

11. Decisão por Cristo e amplitude universal

12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza

Próximas lições a serem publicadas

13. A missão franciscana e o anúncio da palavra

14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado

15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano